

Indignados, moradores foram à luta

Mobilização da comunidade foi fundamental no combate ao crime

CRIMINALIDADE

Seis anos após Diadema ter ficado conhecida nacionalmente pelos altos índices de criminalidade, os moradores não sentem mais vergonha do lugar onde vivem. A participação da sociedade foi decisiva para que ações de combate à violência fossem colocadas em prática. “A nossa maior conquista foi a indignação do diademense frente à morte”, afirma a secretária de Defesa Social, Regina Miki.

Recentemente, a comunidade provou que continua atuante. Em julho, quando o sargento da PM Ricardo Silva dos Santos matou a faxineira Tereza Rodrigues, 51 anos, e dois de seus filhos, os moradores do Núcleo Habitacional Portinari protestaram. Um dia após a chacina, fecharam a Avenida Casa Grande, a principal do bairro e atearam fogo em pneus para reivindicar segurança.

Liderados pela costureira Maria da Glória do Valle, exigiram a presença do prefeito José de Filippi Júnior (PT). No local, ele prometeu pressionar para que o criminoso fosse punido.

Aos 48 anos, Maria da Glória é abordada diariamente pelos vizinhos. “Quando vai ficar pronta a nova escadaria? Quando o lixo vai sair daqui?” Questões como essas fazem parte do seu cotidiano há dois anos, quando se tornou líder comunitária. “Sempre corro atrás, luto, brigo.” Pacificadora informal do bairro, ela é favorita para o papel de mediador de conflitos. Sua missão será evitar que problemas banais do dia-a-dia resultem em violência.

A função de mediador é uma das principais propostas do 2.º Plano de Segurança Pública, coordenado pelo Instituto Souza da Paz, a ser aplicado em janeiro. Seus pesquisadores trabalharam no mapeamento da vio-

‘Vamos direto aos responsáveis. Às vezes demora, mas somos atendidos’

lência na cidade e analisaram problemas e demandas da população. “A comunidade de Diadema conhece as leis, sensibiliza-se com o tema segurança e está acostumada a dialogar com o poder público”, diz Paula Miraglia, que coordena o projeto.

A mobilização das instituições religiosas também tem importância na cidade. Um exemplo é o padre Jerônimo Colombo, da paróquia Menino de Jesus, no Jardim Marilene. Neste



REVOLTA - Moradores do Jardim Portinari param o trânsito durante manifestação contra o assassinato de Tereza e seus filhos, Fábio e Eduardo

População ainda tem medo

... Para muitos moradores de Diadema, ter segurança não depende necessariamente da ação policial: em alguns casos, ocorre justamente o oposto. “Vejo o carro da polícia e começo a tremer, em vez de me sentir segura. É natural”, diz Maria da Glória, líder comunitária do Núcleo Habitacional Portinari, onde confiança não é o principal ingrediente da relação entre população e policiais. Ocorrido há apenas cinco meses, o crime praticado pelo sargento Ricardo Silva dos Santos continua presente na memória

ano, ajudou a organizar dois atos ecumênicos pela paz. O segundo, em agosto, reuniu cerca de 300 pessoas, entre autoridades, policiais e líderes religiosos,

dos moradores. “Quem vai confiar na polícia depois ‘daquilo?’”, questiona Antonio Pereira, referindo-se à chacina dos três integrantes de sua comunidade. As crianças já aprendem a ter a mesma posição de Antonio: “A garotada corre quando vê a Rota”, conta Maria Zilda Pereira, há 18 anos no Portinari. Mesmo com a divulgada melhoria no treinamento de PMs após o caso da Favela Naval, ainda há muito o que ser feito. Para Brando Saturnino, morador de Diadema há mais de 30 anos, a polícia deve agir com mais educação. “Tem de respeitar a gente.”

no auditório da Fundação Florestan Fernandes, no centro de Diadema. “Essas reuniões são importantes para que a sociedade trabalhe em conjunto pela

construção da paz.”

Pressionado pela população, Filippi resolveu agir: criou a Secretaria de Defesa Social e adotou medidas preventivas. “Investimos em educação, esporte e lazer, imprescindíveis na redução da violência”, diz.

Ações isoladas também são comuns em Diadema. Na Favela Naval, o programador Carlos Rodrigues paga do próprio bolso as contas de luz e água da Associação Filantrópica 25 de Julho. Fundada por ele, a entidade oferece espaço para projetos educacionais e aulas de informática. Apesar das dificuldades, ele não pretende abandonar a Naval: “O trabalho social está no sangue.”

O sociólogo da USP Álvaro de Aquino, especialista em violência, explica que a mobilização comunitária eficiente surge por necessidade. Como Diadema era muito violenta, a sociedade se organizou para exi-

gir soluções. “A polícia sozinha não faz nada, depende dos governos e da comunidade.”

A união da sociedade com políticos e as polícias ocorreu pela primeira vez em 2000, no Fórum de Segurança Pública. “Não existia um ator principal e isso os aproximou”, diz Maryluci Faria, na época coordenadora do Programa de Redução da Criminalidade em Diadema. As discussões resultaram no 1.º Plano de Segurança.

Desde 2001, a população consolida sua atuação por meio do Orçamento Participativo (OP), no qual 13 conselheiros definem prioridades. Com esse instrumento, a cidade conquistou creches, reformas em hospitais e unidades básicas de saúde. “Se precisamos de algo, vamos direto aos responsáveis. Às vezes demora mais do que gostaríamos, mas sempre somos atendidos”, afirma Maria da Glória.●

Tragédia provocou mudanças na Favela Naval

Organização de moradores e reestruturação da polícia foram motivadas por episódio de violência de 1997

João José dos Santos, de 75 anos, mora na Favela Naval há 36. Aposentado, passa as tardes no cruzamento das Ruas Idealópolis e José Francisco Brás, descansando e conversando com amigos. A tranquilidade atual não lembra em nada a tensão vivida em 7 de março de 1997. “Naquele dia, Rambo me disse: ‘Quando der 11 horas da noite, o senhor vai para casa.’”

O recado do soldado Otávio Lourenço Gandra, o Rambo, antecedeu o episódio mais marcante da trajetória da violência em Diadema. Um vídeo exibido no *Jornal Nacional* mostrava policiais militares, sob o comando de Rambo, torturando rapazes durante uma falsa blitz na favela, no norte da cidade, limite com São Bernardo do Campo.

Naquele dia, Rambo matou com um tiro o conferente Mário José Josino, que passava de car-

ro pela favela com os amigos Antônio Carlos Dias e Jefferson Caputi. Quatro dias antes, o músico Silvio Calixto Lemos havia sido torturado pelo mesmo grupo, em ação registrada em vídeo, mas escapou com vida.

Nessa época, a Idealópolis se chamava Rua Naval. A mudança de nome fez parte de um conjunto de medidas tomadas para combater o estigma de violência do local. A atitude foi simbólica, mas a realidade já é outra. Para a dona de casa Josefa da Conceição, de 47 anos, 27 na Naval, isso é perceptível. “Hoje, posso ficar conversando na porta de casa até 2 da manhã.”

Além da conscientização da população, outras iniciativas foram importantes. Carlos Antônio Rodrigues fundou, em 1992, a Associação Filantrópica 25 de Julho, voltada para educação e lazer. Para o morador Gilberto



MORTE - Efigênia com foto do filho

Cardoso dos Santos, de 23 anos, o trabalho é importante. “Se não fosse ela, não teríamos nada.” A falta de lazer é um grave problema. “Aqui não tem teatro, shows ou quadras.”

Outras deficiências são evidentes para quem visita a Naval. Parte dela está urbanizada

e asfaltada, mas há moradores vivendo em situação precária. No limite com São Bernardo do Campo, famílias vivem sobre palafitas. Segundo a prefeitura de Diadema, há um projeto de parceria com a cidade vizinha para a retirada dessas pessoas.

Entre 2001 e 2002, um grupo de traficantes de fora de Diadema foi expulso da Naval. O assunto é evitado, mas muitos moradores reconhecem que depois disso a situação melhorou.

DISPUTAS JUDICIAIS

Efigênia Guilhermina, de 74 anos, mãe de Josino, ainda guarda do jornal noticiando a vitória da ação da família na Justiça contra o Governo de São Paulo. Ela e os nove filhos teriam direito a R\$ 600 mil. Mas o dinheiro ainda não chegou. “Duas ações do Tribunal de Justiça foram favoráveis à família”, diz o advoga-

do de Efigênia, Enéas de Oliveira Matos. O Estado recorreu e a família aguarda julgamento no Superior Tribunal de Justiça (STJ). Aposentada por invalidez, a ex-faxineira vive com R\$ 600,00 por mês.

Outros envolvidos entraram com pedido de indenização. Somente a viúva de Josino recebe uma pensão, para ela e o filho. Lemos também já ganhou uma ação de R\$ 200 mil, mas o Estado recorreu e ele aguarda julgamento no STJ. Caputi ainda espera receber o dinheiro.

Dos dez policiais envolvidos, apenas Gandra cumpre pena, mas em regime semi-aberto. Preso desde o início do processo, ele teve a pena reduzida para 15 anos em abril de 2001. Os outros já foram libertados.

A truculência dos policiais na Naval evidenciou a falta de liderança no batalhão. O tenen-

te-coronel Pedro Pereira Matheus, na época no comando da PM, acusado de manter uma empresa de segurança privada, foi afastado do cargo pelo então governador Mário Covas.

“Existiam na polícia lugares onde se era mandado por castigo”, lembra o coronel José Vicente da Silva, ex-secretário nacional de segurança pública. “Muitas dessas delegacias eram na região metropolitana”, diz, explicando que isso contribuía para a má formação de policiais em locais como Diadema.

Após o episódio da Favela Naval, foi enviado para a cidade o coronel Rubens Casado, que impôs rígida disciplina, aumentou o efetivo, trouxe oficiais e criou estágios sobre a abordagem adequada de civis. “A polícia ficou mais cidadã”, diz o tenente Jaice Kersher, em Diadema desde 1996. Vários policiais foram transferidos, quatro por indisciplina. Em 2000, o tenente-coronel Luiz Carlos Barreto, comandante da PM, fortaleceu a relação com a Polícia Civil.

“Hoje, muitos querem vir para cá”, garante Kersher.●

Esquerda se mantém no poder há mais de 20 anos

População marcadamente de migrantes e operários elegeu petistas, que ocuparam prefeitura por 18 anos

POLÍTICA

Na época do caso da Favela Naval, Gilson Menezes, no PSB, administrava Diadema pela segunda vez. O primeiro mandato começou em 1983, pelo PT, quando a cidade, ao lado de Santa Quitéria do Maranhão, passa-

ria pela inédita gestão petista. Menezes, porém, deixou a legenda antes do fim do mandato. Hoje é secretário municipal de Cultura e filiado ao PC do B.

Dos 46 anos da cidade, 18 ficaram sob comando do PT. José de Filippi Júnior está na terceira gestão - reeleito em 2004, havia administrado de 1993 a 1996.

Outro prefeito do partido foi José Augusto Ramos (1989 a 1992). Expulso da legenda em 1997, está no PSDB.

Para Júlio Simões, professor de Antropologia da USP e autor de dissertação sobre o PT em Diadema, “a sigla parece ter assumido o papel que antes era de líderes populistas tradicio-

nais”. “Dá impressão que todo político de Diadema tem de passar pelo PT.”

Antes dos petistas, dois nomes dominavam a política local: Evandro Esquivel, principal articulador da emancipação, e Lauro Michels. Funcionário da Câmara Municipal desde a criação, Kojy Shimizu diz:

“Não havia espaço para uma terceira força.” Esquivel foi prefeito de 1960 a 1963 e de 1969 a 1972; Michels, de 1964 a 1968 e de 1977 a 1982. Ricardo Putz, indicado por Michels, administrou de 1973 a 1976.

Para Vânia Denari, filha de Esquivel, um novo perfil do eleitorado pôs fim ao ciclo. “Havia

muitos migrantes. A população operária queria um igual no governo (*Menezes era diretor do Sindicato dos Metalúrgicos*).”

Filippi concorda: “A militância sindical foi decisiva.” Para Menezes, o apelo dos antigos ideais petistas ainda é forte. “A esquerda nunca perderá na cidade.” Até o líder tucano na Câmara, Lauro Michels Sobrinho, afirma: “Se puserem um poste como candidato, é eleito.” Ele porém, critica as gestões petistas. “A pressão dos sindicatos e a política fiscal rígida deixaram de atrair mais investimentos.”●

FATOS MARCANTES

1947



Inaugurada a **Via Anchieta**. A rodovia incentivou o crescimento da região do ABC. Na foto, pavimentação do km 17, seis anos antes da abertura

1958

No plebiscito da emancipação, o distrito de Diadema separa-se de São Bernardo do Campo. Em 1960, toma posse o primeiro prefeito, Evandro Esquivel

1960

É inaugurada a primeira fábrica após a autonomia: **Tratores Maryukiyu**



1963

Surge a primeira favela: o Caixote em Pé, onde os barracos eram construídos com caixas que os operários traziam da fábrica da Volkswagen, em São Bernardo do Campo

1973

Primeiro Plano Diretor para organizar a ocupação da cidade. A população chega a 79 mil em 1970

1974

Inaugurado o trecho de planalto da Rodovia dos Imigrantes



1978

Metalúrgicos realizam a primeira greve de Diadema, paralisando a Coldex Trane

1983

O então petista **Gilson Menezes** é eleito prefeito de Diadema. Ao lado de Santa Quitéria do Maranhão, a cidade é a primeira a ser administrada pelo PT no País

1990



Anos 80 e 90 são marcados pelas manifestações por moradia. Na foto, confronto entre PMs e moradores da Vila Socialista deixa 2 mortos e 55 feridos